



História Oral Futebol, Memória e Patrimônio - Júnior

Data: 27/09/2012

Entrevistado: Leogevildo Lins da Gama Júnior

Entrevistadores: Edison Luis Gastaldo e Simoni Lehud Guedes

Local da entrevista: Rio de Janeiro / RJ

Transcrição: Liris Ramos de Souza e Thomas Dreux

Apresentação

“Futebol, Memória e patrimônio: projeto de constituição de um acervo em história oral para o Museu do Futebol”, uma parceria entre o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) e o Museu do Futebol, teve por objetivo a constituição de um banco de depoimentos orais (registrados em áudio e vídeo), com jogadores de futebol que participaram do selecionado brasileiro em Copas do Mundo, entre 1954 e 1982. O mapeamento da participação brasileira em Mundiais compreendeu o registro e a análise das histórias de vida desse conjunto de protagonistas. Tendo em vista a realização da próxima Copa do Mundo no Brasil em 2014, a finalidade é fornecer subsídios documentais para que se possa articular a memória esportiva à memória coletiva e à história política do país, durante os últimos oitenta anos, em uma perspectiva crítica e diacrônica.

Os referidos depoimentos foram registrados, tratados e analisados por pesquisadores do CPDOC/FGV, em parceria com técnicos, pesquisadores e investigadores do Museu do Futebol, a fim de constituir um acervo comum a ambas as instituições. A formação deste corpus documental permitirá que se registre e analise o relato de figuras centrais do futebol profissional brasileiro, em particular atletas que se tornaram figuras emblemáticas da identidade nacional.

O projeto reuniu o montante de 55 entrevistas com ex-jogadores (apenas um dirigente, João Havelange, foi entrevistado), que somadas geraram mais de 120 horas de gravação. Cada entrevista têm em média duas horas e meia de duração, e busca percorrer a trajetória do futebol e de vida de cada jogador. O processo de pesquisa, pré-produção, produção e pós-produção de todo material produzido e coletado, ocorreu entre maio de 2011 a novembro de 2012.

As entrevistas em história oral ficarão acessíveis na Biblioteca e MEDIATECA do Centro de Referências do Futebol Brasileiro (CRFB/MF), e já estão disponíveis virtualmente, em versão editada pelo site do CPDOC/ FGV¹. O material decorrente da pesquisa também dará origem a outros dois produtos: um livro e um DVD, ficando aberto ainda a futuros pesquisadores e propiciando novas interpretações analíticas sobre o papel dos esportes na construção coletiva da memória nacional.

1 <http://cpdoc.fgv.br/museudofutebol>

Transcrição

(INÍCIO DO ARQUIVO I)

Simone Guedes - Bom, Júnior, acho que a gente podia começar pela sua família na Paraíba não é? Você podia falar um pouco.

Leovegildo Júnior - Inicialmente, é um prazer grande poder dar esse depoimento, ainda mais que a gente tem esse negócio de que o Brasil é um país sem memória, eu acho que cada vez que se implementa um projeto como esse para que fique registrado, independente do segmento, as coisas que acontecem dentro desses segmentos, e dividir com tantas outras pessoas que fizeram a história dentro do futebol é um prazer muito grande. A minha vinda para o Rio de Janeiro, quer dizer até porque eu vim com quatro, cinco anos, muito pequeno para cá, na verdade de cinco para seis anos, em 1959 para 1960, foi talvez a forma que tenha encontrado a minha família, no caso meu pai que herdou do meu avô uma fábrica de mosaico, cerâmicas, tijolos esse tipo de coisa, e com o falecimento do meu avô, quer dizer, ele não tinha a capacidade de tocar essa fábrica, terminou vendendo a fábrica para poder ser transferir para o Rio de Janeiro. Então as minhas lembranças da minha época de criança são muito poucas, só através de foto. Quando eu vejo a foto, aí vem aquela lembrança antiga, por exemplo, eu tinha quatro anos, aí uma foto com um carneirinho mesmo, aí eu me lembro, por exemplo, me lembro da bicicleta que eu ganhei, que é uma outra foto que eu tenho, me lembro também das festas de São João, tradição do nordeste, que meu tio Américo, casado com o irmão da minha avó, meu tio avô, que ele fazia umas fogueiras imensas, imensas e a gente não sabia como ele conseguia fazer com que aqueles pedaços de madeira pudessem chegar, essa é uma outra lembrança bem viva, muito viva ainda na minha cabeça. E vim para cá, fui direto para morar em Copacabana junto com a minha avó, minha mãe e meu pai que estavam aqui tentando reorganizar um pouco a sua vida.

Edison Gestaldo - Como você virou jogador de futebol?

L.J. - Primeiro acho que até em função de você conviver um pouco com

aqueles que praticam, no caso. Eu com nove anos comecei a jogar futebol de praia no Juventus, que é um time tradicional de Copacabana...

E.G. - Futebol de praia já era assim organizado, campeonato?

L.J. - Futebol de praia já tinha uma organização, até porque eu comecei no mirim que era uma categoria que ia de nove até onze anos.

E.G. - Então já tinha campeonato organizado, várias categorias?

L.J. - Já tinha, talvez muito mais do que hoje, porque essas categorias pequenas, praticamente sumiram desse cenário. Eu ia sempre ver meu irmão mais velho jogar, já jogava numa categoria acima, ele já era infantil, eu acompanhava sempre meu irmão, e você termina no ambiente se envolvendo no ambiente.

S.G. - Você tem um irmão que jogou vôlei?

L.J. - Meu irmão Lino, o Lino foi um grande jogador de voleibol, foi um dos pioneiros, juntamente com outros colegas, Celso Calache, Luiz Eimar e José Henrique, que eles fizeram parte da seleção brasileira no pan-americano em Calle, na Colômbia, em 1973. E quando eles receberam um convite para jogarem profissionalmente nos Estados Unidos. Então eles foram para os Estados Unidos, todos eles, a oportunidade de trabalhar profissionalmente...

E.G. - Claro, naquela época não tinha, ser profissional de vôlei no Brasil.

S.G. - É, mas a sua família tinha essa ênfase nessa formação esportiva, interessante.

L.J. - No esporte? Sempre, sempre. Meu pai... Eu acho que isso vem na verdade, genético, já é genético, porque minha mãe jogou voleibol, amadora no colégio, minha avó também, quer dizer, meu tio, irmão da minha mãe, jogou basquete, jogou vôlei, ele tinha uma rede de vôlei em Copacabana quando eu era pequeno, ia com ele ajudar a armar, essas coisas todas. Eu acho que a

gente cresceu, acho não, nós crescemos dentro da vida esportiva. Mas isso é engraçado, porque meu irmão caçula, ele nasceu dentro do esporte e ele não tem nada do esporte, ele foi para um outro lado. Ele trabalha com arte, trabalha na TV Globo, chefe de produção de talentos. Quer dizer foi para... Eu acho que está muito de você se envolver com aquilo que está ali. Porque eu acho que é esse ambiente que te leva um pouco, e eu acho que foi o que aconteceu comigo.

E.G. - Tinha então um trânsito, por exemplo, o futsal é um mercado de jogadores de futsal, os jogadores eles circulam dentro daquele... um trânsito para o futebol de campo.

L.J. - Eu acho que não dá para fazer essa comparação...

E.G. - E na praia isso acontecia? Tipo, seus companheiros passavam da praia para o Flamengo?

L.J. - Acontecia, Paulo Cesar Caju², Edinho³, Adílio⁴, o Jaime⁵, todos esses jogadores jogavam futebol de praia. Na verdade, o futebol de praia, juntamente com o futebol de salão e o de várzea, eles eram núcleos aonde os olheiros antigos iam ver para poder fazer aquela seleção natural. Eu joguei futebol de praia, joguei futebol de salão, inclusive no Flamengo, em 1970, eu tinha dezesseis anos. Comecei jogando no Sírio Libanês, quando acabou aí eu fui levado para o Flamengo, eu joguei no Flamengo futebol de salão. Mas tudo isso servia como base de observação para os olheiros dos diversos clubes. Hoje já é diferente, você já tem uma coisa muito mais organizada, muito mais profissional, que naturalmente continuam ainda sendo... o futebol de praia um pouco menos, mas o futsal, o futebol de salão, ele continua sendo ainda... um servidor, na verdade, um produtor muito grande de jogadores que depois se

2 Paulo César Lima, o Paulo César (com “s” ou com “z”) Caju. Um dos maiores pontadireta do futebol brasileira, durante a década de 1970 jogou no Botafogo, Flamengo e Grêmio.

3 Edino Nazareth Filho, o ex-zagueiro Edinho, jogou pelo Fluminense, Udinese e Seleção brasileira.

4 Adílio de Oliveira Gonçalves, ex-meia do Flamengo e Coritiba.

5 Jaime, o Jaime Corrêa Freitas, polivalente homem de meio-campo do Palmeiras e do Bangu nos anos 1960.

tornam profissionais.

E.G. – É porque hoje eles já captam os meninos muito cedo, já levam para o centro de treinamento, já tem toda uma outra carreira, vamos dizer.

L.J. - O futebol mudou, a cabeça das pessoas, antigamente, para você jogar futebol no meu tempo, o estudo estava sempre na frente. Dentro de casa nunca fui proibido de jogar, mas o colégio estava sempre na frente. Hoje, muitas vezes, os pais deixam o colégio de lado e levam os filhos para fazer com que eles se tornem profissionais.

S.G. – Aham.

L.J. - Por quê? Por uma série de benefícios que tem dentro da profissão, sem olhar na verdade, que estão fazendo, em muitas situações, um malefício para o próprio filho, tirando dele a infância, aquela pelada da rua, uma série de coisas, porque quando você chega num clube que já tem organização, praticamente você já se torna um profissional com nove, dez anos de idade.

S.G. - Mas você consegue se lembrar em que momento você se decidiu pela carreira de futebol, jogador profissional?

L.J. – Eu acho que a partir do momento que eu fui ver o primeiro jogo no Maracanã. Aquilo ali é o que fascina.

E.G. - Que jogo foi esse?

L.J. – Foi... Eu acho que foi Fla-Flu. Foi Fla-Flu. Então, quer dizer, a partir daquele momento, aquela vida ali, eu falei, caramba, isso aqui é um negócio bacana. Mas isso vai amadurecendo eu acho que com o tempo. Acho que a vontade de todos que gostam... Eu digo sempre o seguinte, futebol, não é todo mundo que quer. Quer dizer, ao contrário, o futebol não é somente para quem quer, porque você só joga porque você gosta, ninguém é obrigado a jogar, você só leva essa vida profissional se você realmente gostar, porque é uma vida de sacrifício. Então, você começa a pesar as coisas em certos momentos. Na verdade quando você inicia você não tem nem essa ideia, que você vai perder

sábado, domingo, feriado. Eu passei dez anos sem comemorar meu aniversário com a minha família. Mas jamais... Valeu a pena? Faria tudo de novo. E o futebol ele te leva, exatamente, para tomar certas decisões, ou então, às vezes você é levado. Porque eu tinha feito experiência já no Flamengo, no América, no Botafogo, no Fluminense, já tinha feito um pouco todas essas etapas e estava estudando para fazer vestibular, quando apareceu uma última oportunidade. Porque para estudar eu tinha tempo, mas para jogar, estava já com dezoito para dezenove anos, aí foi quando apareceu a oportunidade, e, na verdade, eu fui muito mais para satisfazer um amigo desse meu tio que falou: “vamos lá, eu conheço o Modesto Brio no Flamengo, sou amigo desse, amigo daquele”, para não dizer não, eu falei: “está bom, eu vou.” Aí eu fui. Aí terminou dando certo, a coisa começa a se encaixar. O time estava se desfazendo porque estava todo mundo indo para o profissional, estava se refazendo, então eles precisavam na verdade de um elenco, não estavam precisando de um, dois, três jogadores, aí com esse período ali, a coisa foi se encaixando, um ano e três meses depois eu já estava jogando no profissional.

S.G. - Isso você estava com dezoito anos?

L.J. - Eu tinha dezenove anos.

S.G. - Dezenove anos.

L.J.- Foi em 1973.

E.G. - Para os padrões atuais...

L.J. - Não, mas até para os padrões daquela época, porque é o seguinte, quando você começa a fazer os testes você tem algumas decepções, você começa a pesar isso. Por exemplo, eu tive no América levado pelo irmão do Giulite Coutinho⁶, o Gerson Coutinho, que ele via sempre os jogos de futebol de praia, ele falou: “vou te levar para fazer um teste lá”, aí eu fui para o América. Pegava o Barão Drummond Leblon, 433, saltava lá no América e fui junto com dois amigos, que eles também foram convidados para fazer o teste. Fiquei

6 Foi presidente da CBF entre 1980 e 1986.

lá no América durante quase dois meses. Já era titular, tal, aquelas coisas; aí você começa a ver as injustiças e discriminações e preconceitos dentro do futebol. Como morávamos em Copacabana, todo mundo depois de quase dois meses sabia onde você mora, como você vem, o que você faz, tudo isso. E teve um dia, acabou o treinamento de sexta-feira, e veio o supervisor com o dinheirinho que eles davam para a passagem. Aí quando chegou eu e esses dois amigos, ele pulou, e deu para todo mundo. Aí eu fui perguntar, “porque nós três, nós estamos aqui no mesmo tempo que o pessoal”, “ah, vocês moram em Copacabana, você não precisam.” Eu falei: “é? Então vocês nunca mais vão me ver aqui.” Entendeu? Porque eu achei aquilo ali a maior ofensa para a gente. A gente usava nossa semanada, gastávamos do mesmo jeito que todo mundo. Independente, não é porque a gente morava em Copacabana que a gente era milionário. A gente gastava aquilo que nos era dado para... Eu falei: “eu não volto mais aqui, se vocês quiserem voltar, vocês podem voltar”, falei para meus amigos. “A gente veio contigo, a gente também...” Então esse tipo de situação, quer dizer, que hoje ocorre e até demais também, de outras formas naturalmente, mas comigo aconteceu, eu vivi isso. Então, quer dizer, no começo você começa a ter essas desilusões, diz assim: “será que eu vou encontrar esse tipo de...?” e você encontra durante toda a carreira, injustiças, porque são situações que acontecem que as pessoas tomam decisões, às vezes sem pensar, sem saber se isso vai estar afetando muitas coisas. Então eu já estava estudando, já não tinha mais muito essa esperança, terminei indo para fazer esse teste, num período que a cabeça estava muito mais... Porque meu negócio era jogar futebol de praia, eu adorava, amo até hoje. Infelizmente não tenho mais a condição de me divertir, mas até as chuteiras me incomodavam, dava⁷ calo, as chuteiras antigamente eram muito duras, e até isso também machucava, mas o prazer de jogar eu acho que superou qualquer tipo de obstáculo.

E.G. – E você chegou a fazer vestibular?

L.J. - Fiz vestibular, ia fazer para veterinária, terminei fazendo administração, mudei de um pólo a outro, para poder me adequar a vida que eu ia levar como profissional. Aí fiz dois anos na Candido Mendes⁸, quando chegou em 1976, na

⁷ Mais próximo do que foi possível ouvir e grafar.

⁸ Universidade Candido Mendes. Hoje com várias unidades em toda a cidade do Rio de

convocação para a Olimpíada de Montreal, aí eu fui conversar com o reitor, Sergio Pereira, falei: “Olha, Sergio, vou ter que parar, porque vou ter que trancar a matrícula, não vai dar, vou ficar quarenta e cinco dias fora, depois tem Olimpíada, tal”, aí ele falou para mim, engraçado, falou: “se você trancar a matrícula, você nunca mais vai voltar”. Eu falei: “tomara, porque aí tenho certeza que deu certo naquilo que eu quero fazer.” Aí terminei encontrando com ele trinta anos depois, ele falou: “pô, tá vendo, falei que você não ia voltar?” Eu falei: “Ainda bem que deu tudo certo”.

E.G. - Uma coisa, Junior, seus pais torciam para que time?

L.J. - Minha mãe flamenguista, meu pai tricolor, mas...

E.G. - E como foi no Fla-Flu?

L.J. - Eu ficava sempre do lado meu pai, sem torcer, porque meus amigos todos eram, a maioria todos eram tricolores, e eu ia para o Maracanã... Aquele negócio, na nossa época tinha um respeito muito grande. Então, quer dizer, meu pai só foi saber que eu torcia para o Flamengo quando eu já estava jogando, já tinha já, porque, quer dizer eu não me ousava de desrespeitar meu pai.

E.G. - Você torcia para o Flamengo, mas não falava nada?

L.J. - Acompanhava, com meu tio então, irmão da minha avó ia direto, meu tio Aluísio na verdade foi aquele que mais me incentivou, mais me levou, me levava para todos os jogos. Mas eu ia ver todos os jogos do Fluminense com ele.

E.G. - Mas seu tio era Fluminense?

L.J. - Fluminense, foi Fluminense até o final.

E.G. - Mesmo com o tio e o pai você não ficou tricolor?

L.J. - Não. Só... Meu tio só deixou de torcer para o Fluminense quando eu comecei a jogar em 1974, ele nunca mais foi ao Maracanã em nenhum Fla-Flu.

Porque ele não conseguia, aquele sentimento...

S.G. - Porque aí ele não podia torcer contra você, familiar. Mas essa sua experiência no Flamengo tem uma relação com isso, com o fato de você já ser um torcedor, ou...?

L.J. - Logicamente quando você torce pelo clube e você joga pelo clube, o sentimento ele é completamente diferente. Porque você, na verdade, vivencia muito as coisas do outro lado como torcedor. Eu digo sempre o seguinte, eu fui um cara iluminado e muito bem sucedido porque eu consegui fazer com que muita gente, durante muitas segundas feiras, acordassem alegres e satisfeitas, isso é uma coisa que a gente tem, e muita gente não tem essa noção, da capacidade que a gente tem de mudar o humor das pessoas, durante noventa minutos, durante um dia, durante uma semana, durante anos e durante muitos anos, que é o caso exatamente do nosso time de 1981. É eterno isso, não adianta, isso é uma coisa eterna. Pela alegria, pelo que se proporcionou, por ter sido o primeiro time do Rio de Janeiro a ganhar um título mundial, então todas essas coisas elas na verdade vem por um outro lado que é o lado da dimensão do que isso proporciona para a sociedade e sobretudo para os torcedores daquele clube que você defende.

S.G. - Me diga uma coisa Junior, como é você descobriu a sua posição ou a sua posição te descobriu?

L.J. - Eu acho que ela mais me descobriu por acaso. Por quê? Porque eu sempre joguei no meio-campo, desde moleque mesmo. No meio-campo ou no ataque. No futebol de salão eu jogava numa posição que era obrigado a defender e atacar, e talvez essa tenha sido, na verdade, a grande diferença para que depois eu me adaptasse a jogar como lateral, porque a primeira oportunidade que teve, o meu companheiro se machucou e eu joguei um tempo como lateral-direito, ainda no juvenil, em 1974, no começo do ano. E joguei bem no segundo tempo. E o treinador e o supervisor disseram olha: “você foi bem nessa posição, de repente é mais fácil você subir para o profissional nessa posição do que na sua original. Na sua original tem fulano, tem Geraldo, tem não sei quem...”, aí fez um elenco, realmente que era complicado até porque eles estavam num estágio mais avançado do que eu. Aí eu comprei a ideia. Ainda bem que eu

comprei a ideia. Mas eu só comprei a ideia porque eu tinha a noção exata que eu poderia me adaptar, não fui para a posição por ir, fui porque eu sabia que eu poderia me adaptar, por tudo que eu já tinha feito.

E.G. - Mas lateral-direita, como você passou para a lateral-esquerda?

L.J. - Já dois anos depois, quando teve o troca-troca, entra o presidente Horta⁹ e Dr. Hélio Maurício¹⁰, que era o presidente do Flamengo, aonde foram três jogadores do Flamengo para o Fluminense: Doval¹¹, Rodrigues Neto¹² e Renato¹³, o goleiro, e vieram Toninho Baiano¹⁴, veio Zé Roberto¹⁵ e Roberto¹⁶, o goleiro. Toninho Baiano é um jogador em nível de seleção, que jogava na mesma posição, que eu falei: “pô, tanta gente para eles trocarem, vão trazer logo o cara que é uma fera.” Mas talvez aí tenha sido o pulo do gato, porque meu treinador já era o Froner, Carlos Froner, um gauchão, gente boa, demais, com formação militar. Engraçado que ele dizia para a gente: “não vai botar roupa não, vai se fardar.” E uma pessoa extremamente disciplinada, uma pessoa realmente que... quando chegava na hora do lazer, da brincadeira, ele era a pessoa mais doce que a gente via, mas na hora do trabalho era muito exigente. E foi ótimo isso. E ele me perguntou com honestidade: “você jogaria do lado esquerdo?” Eu falei: “eu posso tentar, nunca joguei, mas posso tentar, vou ter a dificuldade, não sou canhoto, tal”, aí ele fez uma experiência, jogou o Flamengo e Caxias, lá em Caxias do Sul. Aí Vanderlei Luxemburgo¹⁷ jogou o

9 Francisco Horta, ex-presidente do Fluminense, assumiu em 1975, se notabilizou por contratar Roberto Rivelino junto ao Corinthians, e por reinventar o troca-troca de jogadores entre os clubes cariocas.

10 Hélio Maurício Rodrigues de Souza, ex-presidente do Flamengo, presidiu o clube entre 1974 e 1976.

11 Narciso Horacio Doval, ou simplesmente Doval, centroavante argentino do Flamengo e do Fluminense nos anos 1970.

12 José Rodrigues Neto. Ex-lateral e ponta do Flamengo, Fluminense e Botafogo.

13 Renato da Cunha Valle, o Renato, ex-goleiro do Atlético Mineiro, Fluminense e Flamengo.

14 Antônio Dias dos Santos, Toninho Baiano, ex-lateral-direito do Galícia, Fluminense, Flamengo, Al Nasser (Arábia Saudita) e Bangu.

15 José Roberto Lopes Padilha, o Zé Roberto. Ex-ponta do Fluminense e Flamengo.

16 Roberto de Oliveira Santos, o Roberto, ex-goleiro do Fluminense e Flamengo.

17 Vanderlei Luxemburgo da Silva, ex-lateral esquerdo do Botafogo e do Flamengo,

primeiro tempo, e eu joguei o segundo tempo. Aí a partir dali eu comecei, fiz muitos treinamentos para poder me adaptar, era completamente diferente. As pessoas acham que jogar na lateral-direita e esquerda é a mesma coisa, não é a mesma coisa não, é muito diferente, é a passada, a colocação, tem uma série de coisas. Como eu tinha uma tendência muita de meio-campo, então eu passei a jogar num estilo diferente dos outros colegas que jogavam na mesma posição. Já tinha visto o Marinho¹⁸ jogar assim na Copa de 1974, então mais ou menos ele foi o modelo, eu sou destro, então, e aquele sacrifício de tentar fazer com que a perna esquerda obedeça ao que o cérebro está te mandando. Mas isso é decorrente de treinamentos e treinamentos específicos para que isso possa acontecer.

E.G. - Como foi a Olimpíada de 1976? Que idade você tinha?

L.J. - A Olimpíada talvez tenha sido... Tinha vinte e dois anos já. A Olimpíada foi uma das experiências mais... Primeiro que com o meu irmão com a saída dele para os Estados Unidos, que era o grande sonho de todo jogador na época, era ir a uma Olimpíada, e meu irmão não tinha conseguido, tinha praticamente abdicado para poder jogar profissionalmente nos Estados Unidos. Então eu via um pouco aquilo ali, fui realizar um pouco o sonho do meu irmão naquilo ali. Nós estávamos naquela fase de afirmação mesmo dentro dos clubes.

E.G. - Quem tinha no time?

L.J. - O time era Carlos, Rosemiro, Tecão, do São Paulo, Edinho, do Fluminense, Chico Fraga, do Inter, jogava Erivelto, jogava Alberto Leguelé, jogava Eudes, o Cesar Uri Geller, o Santos, o Marinho ponta-direita, foi do Atlético Mineiro, quer dizer, era um time que depois, praticamente, 90% ... Batista¹⁹ também jogava nesse time, 80% do pessoal foi aproveitado. Inclusive o Carlos, o goleiro, Edinho, eu, o Batista, muita gente jogou depois e disputou Copa do Mundo, inclusive já em 1978, o Coutinho que era o treinador, ele levou o Edinho, e levou

hoje é técnico de futebol com uma carreira muito vitoriosa.

¹⁸ Refere-se a Marinho Chagas, ex-lateral esquerdo do Sport, Botafogo, São Paulo e Seleção Brasileira.

¹⁹ João Batista da Silva, o Batista. Ex-volante do Internacional, Grêmio e Palmeiras.

o Batista, e levou o Carlos²⁰ como terceiro goleiro.

E.G. - E tinha interferência tipo militar nessa Olimpíada ou eles ficavam mais na CBD, Copa do Mundo?

L.J. - Nessa época, pelo menos ali, o único problema que teve foi a mudança do treinador. O Zizinho era o treinador, não chegou num acordo econômico com a CBD, na época, e o Coutinho²¹ assumiu essa posição.

E.G. - Então o Coutinho foi o técnico da Olimpíada?

L.J. - Foi o técnico da Olimpíada. O Zizinho tinha sido do Pan-americano um ano antes quando o Brasil foi campeão junto com o México.

E.G. - Mas o Coutinho já estava na delegação de 1970, não é?

L.J. - Ele era preparador físico. Já em 1976, ele fazia um pouco da supervisão, um pouco de auxiliar da comissão técnica.

E.G. - E como foi a campanha na Olimpíada?

L.J. - Nós perdemos só... perdemos só! Perdemos infelizmente... Porque naquela época o leste-europeu eles podiam levar os profissionais porque eles não eram considerados profissionais. Nós éramos os profissionais de gaveta, nosso contrato existia, nós jogávamos no primeiro time, mas nosso contrato ele ficava guardado numa gaveta, ele não era registrado na confederação porque senão você perdia o direito de jogar olimpíada. Eles pegaram quarenta e quatro jogadores, separaram, e ó esses quarenta e quatro aqui, nós recebíamos como profissionais, mas nós éramos amadores, ficamos dois anos e pouco como amadores, entre aspas, para poder participar. Já essas equipes dessas seleções: Alemanha Oriental, Polônia e...

E.G. - Iugoslávia.

²⁰ Carlos Gallo. Ex-goleiro da Ponte Preta.

²¹ Cláudio Coutinho.

L.J. - É todos esses, o nosso grupo e Rússia, esses eram os mesmos caras que tinham disputado campeonato mundial de 1974, quer dizer, Lato²², Szarmach²³, na verdade esses caras eram um pouco ídolos para gente também. Porque a gente tinha visto esses caras em 1974 jogar.

E.G. - O Lato acho que foi...Acho que ele foi o goleador da Copa.

L.J. - Foi o que fez o gol contra o Brasil na disputa do terceiro e quarto lugar, aquele carequinha. Nós empatamos com a Alemanha Oriental, terminou a medalha de ouro, perdemos para a Rússia, e perdemos para a Polônia na disputa de terceiro e quarto lugar.

E.G. - Está certo. E na Copa de 1978, então você tinha essa expectativa de ser chamado junto com várias outras pessoas que estavam na Olimpíada, não é?

L.J. - Até mesmo porque o treinador da seleção tinha sido nosso treinador, ele conhecia muito bem. O Coutinho ainda era meu treinador no Flamengo. Foi quando começou a montagem do time do Flamengo de 1978 que ficou até 1983.

E.G. - O que aconteceu, o técnico era do Flamengo, era...

L.J. - Interferência aconteceu, certamente, de alguma forma.

E.G. - Esse tipo de cima?

L.J. - Pode ter sido. Eu me lembro que quando ele voltou da Copa do Mundo, me encontrou na Gávea, falou para mim: “pô, que pena, como eu me arrependo de não ter te levado.” Eu falei: “capitão, agora não adianta, agora acabou, passou.” Tanto que eu não tive aquela sensação de você ficar esperando no rádio, na televisão de ser convocado, porque eu já sabia pela convivência depois que a gente teve; na primeira convocação pós Copa do Mundo, eu sabia

²² Grzegorz Lato, é o maior jogador da história do futebol polonês e o artilheiro da Copa de 1974. Também conhecido por sua rapidez.

²³ Andrzej Szarmach ex-jogador de futebol polonês e atual treinador.

que eu estava, além da convivência eu sabia que aquilo que eu poderia fazer, já poderia ter isso antes. Eu estava mais maduro ainda, tinha vivido aquilo ali, mas, quer dizer, foi aquele tipo da coisa que não dá para você ficar remoendo muito tempo, porque tinha muita coisa ainda para acontecer.

E.G. - Mas você e Falcão²⁴ ficaram como os grandes ausentes da Copa de 1978. Todo mundo lamenta até hoje.

L.J. - E nós principalmente, lamentamos mais ainda, que seria mais uma Copa do Mundo no currículo e seria uma experiência maior ainda para a gente, porque a gente poderia ter levado isso inclusive para 1982.

S.G. - Seria a primeira.

L.J. - Naquela idade que você está começando a atingir a maturidade, está começando a ser um experiente. Foi uma pena, mas não adianta, eu não fico remoendo muito as coisas por que... Primeiro porque quem não me levou, era muito meu amigo. Coutinho me ensinou muitas coisas, não somente dentro do campo, mas principalmente fora do campo, lado profissional, de como se deve comportar, o que tinha que fazer, quer dizer, não só para mim, para todo aquele grupo do Flamengo que ele foi durante três anos o nosso orientador maior.

E.G. - Ele foi técnico do Flamengo até falecer, não foi?

L.J. - Não, ele estava fora.

E.G. - Ele já tinha saído do Flamengo.

L.J. - Ele saiu do Flamengo, depois do campeonato brasileiro ele foi para o Los Angeles para treinar lá.

E.G. - Ele morreu quando o? Oitenta e...

L.J. - Ele morreu na volta, morreu em 1981.

24 Paulo Roberto Falcão, ex-meio campista do Internacional e Roma (ITA). Destacava-se por sua habilidade e classe.

E.G. – Está certo. E a Copa de 1982? Enfim, tem o Flamengo, campeão do mundo, que não podemos pular, não é? Estamos em 1978, como foi a montagem desse time que é o mais espetacular da história do Flamengo? Como é que foi?

L.J. - O que acontece, você tem três gerações daquele time. Você tem a geração do Zico²⁵, do Cantarele²⁶, do Rondineli²⁷, isso começou lá atrás, começou em 1976 com essas mudanças. Depois veio a minha geração junto com Adílio, porque eles subiram primeiro que a gente. Depois vem eu, Adílio, Júlio Cesar Uri Geller²⁸. Depois veio outra, do Leandro²⁹, do Andrade³⁰, do Tita³¹. Então você tem três gerações juntas aí, sabendo, conhecendo o clube, a dimensão do que é, o bom e o ruim. E nós tínhamos já passado por duas experiências antes de ganhar o campeonato carioca de 1978, muito ruins, que foi a perda... do campeonato em 1976, para o Vasco, o Geraldo³² perdeu um pênalti, logo depois o Geraldo morre, depois em 1977 o Tita entra para bater o pênalti, termina perdendo o pênalti. E nesse dia, nós nos reunimos, tínhamos perdido o campeonato, nos reunimos e a gente tinha que arrumar uma forma de defender o Tita. O Tita tinha dezoito anos, estava começando. Então, nós nos reunimos e fomos para o Barril 800, ali no Arpoador, as pessoas acharam estranho, mas nós fomos naquele dia, aí disseram que foi um pacto. Não foi o pacto, a gente foi... o que a gente fez de errado? Daqui para frente a gente não vai mais fazer isso, vamos fazer assim. Então se criou um ambiente, que daquele dia para frente ali, algumas coisas tinham acontecido ali...

S.G. - Só os jogadores?

25 Arthur Antunes Coimbra, o Zico. Um dos maiores jogadores brasileiros da história e o maior jogador do Flamengo de todos os tempos. Também jogou na Udinese (ITA) e no Kashiwa Antlers (JAP).

26 Antonio Luiz Cantarelli, o Cantarelli ou Cantarele. Ex-goleiro do Flamengo.

27 Antônio José Rondinelli Tobias, o Rondinelli. Ex-zagueiro do Flamengo.

28 Ex-ponta esquerda do Flamengo nos anos 1970 e 1980.

29 José Leandro Sousa Ferreira, o Leandro, ex-lateral direito do Flamengo.

30 Jorge Luiz Andrade da Silva, o Andrade, ex-volante do Flamengo e Vasco.

31 Milton Queiroz da Paixão, o Tita, ex-meia do Flamengo, Grêmio, Internacional e Vasco da Gama.

32 Geraldo Cleofas Dias Alves, o Geraldo, ex-meia do Flamengo, morreu prematuramente aos vinte e dois anos de idade.

L.J. - Só os jogadores. Isso não iria acontecer.

E.G. - Sem técnicos, sem comissão técnica?

L.J. - Sem. Só a gente. Então a coisa ficou resolvida naquele momento ali, aí a partir de 1978, as coisas começaram a se encaixar de uma forma que perdurou até 1983. Quer dizer são seis anos, você incluindo 1978 a 1983, foram seis anos que deu o pontapé, de 1978 até chegar no Brasileiro de 1980. Por que, “Ah! É time regional, só ganha no Rio de Janeiro, não sei que, jogador de Maracanã”, aquelas historias de sempre, fazendo parte sempre da rivalidade, e quando chegou em 1980, foi que deu esse salto de qualidade com a chegada do Raul³³, com a chegada do Carpegiani³⁴, que eles já estavam com a gente, nós tínhamos uma experiência de Copa do Mundo, de Libertadores.

E.G. - Carpegiani estava naquele time do Inter de 1979.

L.J. - Em 1980 ele era o nosso capitão. O Paulo em 1980 já era nosso capitão no meio campo, e logo depois ele virou treinador do nosso time. Então você vai juntado um pouco a experiência com a prata da casa, aquela história de jogadores da base, que termina formando... Eu digo sempre o seguinte, por mais que a gente fique muito tempo sem se falar, eu estava sem falar com o Marinho que jogou comigo uns dois anos, Outro dia falei do time, dos apelidos do time de 1981, aí ele me liga: “pô, estava com saudades”, não ficou somente o lado do cara do vestiário, existiu, existe um lado fraterno da coisa, um laço de amizade que vai perdurar para sempre, porque a preocupação de você ajudar o companheiro, ela sempre existiu, partindo principalmente de quem comandava não é? “ó, não sei quem está fazendo alguma coisa errada”, eles não iam diretamente, eles pediam... Uma coisa é o técnico pedir, outra coisa é o companheiro pedir. Então existia essa preocupação, e por isso acho que esse ambiente de união permanece até hoje.

S.G. - Você está dizendo que tem uma espécie de controle informal entre vocês

33 Raul Guilherme Plassmann, ex-goleiro do Flamengo, Cruzeiro e Atlético-PR.

34 Paulo César Carpegiani, ex-volante do Internacional e Flamengo. Hoje em dia é técnico de futebol.

mesmos?

L.J. - Sobretudo com os jovens, existia isso.

S.G. - Um cuidado, vamos dizer.

L.J. - Um cuidado, não somente para o momento, mas o cuidado com o que vai acontecer para ele para o futuro.

S.G. - Com a formação e tal.

L.J. - Isso é uma coisa que...

S.G. - E você acha que isso ainda existe?

L.J. - Eu acho que existe, pouco, muito menos escala do que antigamente, mas acho que ainda existe. Talvez para os jogadores que viveram um pouco ainda, ou pegaram o finalzinho dessa mentalidade, que é a preocupação com o grupo. Mas hoje, na verdade, a preocupação é muito mais individual do que coletiva.

E.G. - Me diz uma coisa em termos táticos e técnicos de treinamento, tinha alguma diferença naquele time ou era o time do mesmo nível dos outros, mas o que tinha, era um grupo coeso?

L.J. - Não. Eu acho que a qualidade.

E.G. - Qualidade individual ou tinha uma coisa no esquema do Flamengo que...?

L.J. - Individual e coletiva, nós tínhamos um esquema de jogo, que foi montado pelo Coutinho, com o Tita do lado direito, o Lico³⁵ do lado esquerdo, que nenhuma outra equipe fazia. Quando eles abriram o olho, a gente já estava há um tempo na frente deles, que era o fato de você jogar no 4-5-1. O único jogador que

35 Antônio Nunes, o Lico, ex-ponta-esquerda do Joinville, marcou época no Flamengo de 1980 a 1984.

jogava no nosso ataque era o Nunes³⁶, que era nossa referência lá na frente, todos os outros ou marcavam ou ocupavam o espaço no meio de campo. Então enquanto os outros jogavam com três, quatro jogadores no meio de campo, nós jogávamos com cinco, por isso que a gente ficava sempre com a bola. Ainda mais com um time extremamente técnico, que valorizava essa bola, não podia perder. O Coutinho dizia: “se a bola estiver com a gente, não tem perigo, só tem perigo quando está com o adversário, que a gente não vai fazer gol contra, então fica com bola, vamos ficar, está fechado ali? Recomeça”, e ele trouxe do basquete o tal do overlapping, que é ultrapassagem; porque no basquete o cara passa por trás, é aonde você não vê, então ele fez isso, os treinamentos com isso. O cara pegava a bola, o outro fazia por trás aqui, o adversário nem percebia, quando percebia o cara já estava cruzando. A história do ponto futuro, ponto futuro nada mais é do que você intuir aonde o teu companheiro vai jogar a bola e você chegar nesse espaço; além de uma compactação do time, ele dizia: os três setores “defesa, meio de campo e ataque”, se eles estiverem espaçados, mais difícil para você marcar, então os três setores tem que estar sempre juntos, não somente defendendo, mas também quando estiver atacando. Que se você cruzar uma bola e estiver espaçado, o adversário vai pegar esse rebote, se você tiver junto, pelo menos você vai disputar. E nessa época ninguém pensava nisso. Hoje... quer dizer, há trinta anos a gente já fazia uma coisa que hoje está mais moderna do que nunca. Eu acho que isso fez uma diferença, lógico que a diferença maior foi a parte técnica. De todos os jogadores do time do Flamengo de 1980 a 1981, acho que somente dois não tiveram passagem pela seleção brasileira, todos os outros tiveram passagem pela seleção brasileira, além dos outros que vieram também como reservas que tiveram participação nas seleções de base.

E.G. - Como foi esse mundial interclubes, lá? Porque o Flamengo o primeiro time do Rio a ganhar uma Libertadores, e aí foi para o Mundial Interclubes, aí ganharam do campeão europeu.

L.J. - O Mundial foi a cereja na torta, depois...

E.G. - Foi um jogo fácil, dá para dizer, foi 3x0, não é?

36 João Batista Nunes de Oliveira, o ex-centroavante Nunes, o João Danado, do Flamengo.

L.J. - 3x0 no primeiro tempo. Mas depois do que a gente tinha passado na Libertadores, porque a história da Libertadores é que é uma história rica, uma história emocionante, é uma história de sacrifício, de choro, de sangue, de lágrimas, de tudo isso, porque... Eu não digo nem na parte inicial da competição, mas na parte final quando tiveram os dois jogos com o Cobreloa (CHI). Primeiro a nossa preocupação, a gente vai ter que jogar em Calama³⁷, no deserto, aquelas coisas, aí eles terminaram levando o jogo para Santiago. Aonde a gente achava que ia ser mais tranquilo, nada disso, clima daqueles mesmo... Por quê? O Pinochet³⁸ usou um pouco o Cobreloa naquele período para fazer com que o chileno se sentisse orgulhoso de alguma coisa, em função de tudo que acontecia politicamente dentro do país. Então, se criou um clima daqueles que a gente nunca tinha vivido aqui, por mais que a gente tivesse jogado em campos difíceis, mas desde o hotel até o estádio, o clima era realmente um clima tenso e complicado, porque depois a gente começa a ter a dimensão das coisas. O que aquilo representaria para o Cobreloa, sobretudo para o país, infelizmente ia representar para o regime também se eles tivessem ganhado, porque eles iam colocar o futebol como grande veículo político de ascensão, de uma série de coisas, encobrindo muitas coisas que aconteceram. Então nós tivemos nesse jogo de volta lá, o Adílio com a orelha cortada, o Lico com o supercílio arrebatado, os problemas de dentro do campo. Me lembro que o fotógrafo na hora que eles fizeram... porque o jogo estava empatado até os trinta e sete minutos do segundo tempo, nós seríamos campeões que a gente tinha ganho em casa. Na hora que eles fizeram o gol, nós estávamos pegando a bola para ir para lá e o fotógrafo, o cara rindo, debochando, e eu vi que ele botou a bolsinha dele no chão e dei um bico nas lentes dele, foi lente para tudo que foi lado, nisso o carabineiro que estava atrás armou logo... Aí o Mozer³⁹ falou: “sai daí, vem para cá”, achando que eu ia enfrentar o cara. Mas ali a gente viu, o clima era realmente esse aí. A partir dali, porque já no intervalo a gente tinha visto o Adílio e o Lico com tudo sangrando, a gente ficou espantado e com medo mesmo do que poderia acontecer se por acaso a gente ganhasse

37 O jogo seria realizado em Calama, pois o Club de Deportes Cobreloa é sediado na cidade de Calama no norte do Chile.

38 Refere-se a Augusto Pinochet, ditador chileno, esteve no poder de 1973 a 1990.

39 José Carlos Sauané Nepomuceno Mozer, mais conhecido como Mozer, ex-zagueiro do Flamengo.

ali.

E.G. - Tipo, a arbitragem deixava rolar solto, não fazia nada...

L.J. - Era “Ratón Barreto”. O nome dele era Ramon Barreto conhecido, a gente apelidou ele de Ratón Barreto porque... Eu acho que ele estava pressionado, acho não, tenho certeza que ele estava pressionado também, porque eu levei prisão, vários outros levaram cotovelada, a gente não sabe até hoje se era uma pedra, se era um objeto cortante. Porque para cortar o supercílio e a orelha era alguma coisa que o Mario Soto, que era o capitão do Cobreloa estava nas mãos, dito por quem sofreu, o Adílio e o Lico. Eu tive até um encontro com ele trinta anos depois e fui perguntar, aí hoje eu tenho mais certeza ainda que...

E.G. - O Mario Soto?

L.J. - O Mario Soto, lá no Chile, eu tive um encontro com ele e aí perguntei, primeiro ele nega, como você vai negar uma coisa que vai que... o cara se auto lesionou! Isso não existe. E conversando, a conversa começa amolecer, você sente que o lado político estava entranhado. Colocaram na cabeça deles que eles tinham que ganhar de qualquer jeito, infelizmente para eles, eles entraram nisso, e felizmente para a gente, porque era um bom time. Se eles jogassem de igual para igual com a gente, sem essa preocupação da violência, a possibilidade de ganhar era grande, só que eles se perderam na história de sugerir, de querer ganhar na marra. Então quando acabou o jogo, a maior preocupação nossa, a rapaziada mais antiga: “gente, vamos esquecer o que aconteceu aqui. A vingança para a gente vai ser a volta olímpica no final, essa é a grande vingança nossa.” Nós não sabemos dar pontapé, soco, essas coisas, então quando a gente foi jogar no Uruguai, a terceira partida, em Montevideu, talvez tenha sido o jogo que a gente foi mais tranquilo, porque a gente tinha noção exata daquilo que a gente queria, da nossa capacidade e que a gente não poderia se deixar levar pelo lado da emoção.

E.G. - Esse jogo final como é que foi?

L.J. - Esse jogo foi só divertimento. A preocupação porque teve, o Andrade foi expulso nesse jogo, quer dizer, teve o Leandro que teve que jogar de cabeça de

área, mas isso não era o problema. Quando você joga com dez minutos, você diz: “opa, hoje aqui...” Porque ali já tinha feito o requerimento para a confederação, em função do que tinha acontecido em Santiago, para não ocorrer ali. Quer dizer, quando nós chegamos o clima era outro completamente diferente. Aí ganhamos de 2x0 fácil, o Zico fez um gol de falta, depois fez outro. E tem um lado ruim dessa história, que eu digo. Ah, fomos nós que demos aquele soco, o Anselmo⁴⁰ entrou e deu aquele soco na cara do Mario Soto. Esse é o lado ruim da coisa, porque nós não precisávamos ter revidado daquele jeito. É lógico que na hora você até... mas pensando depois, para que, não havia necessidade. Terminou prejudicando o Anselmo, o Anselmo não pode ficar no banco. Porque quem deveria dar aquele soco era o Nunes. O Nunes num lampejo de lucidez disse: “eu não, se dou um soco no cara, vou expulso, não jogo a final lá.” E praticamente nós tínhamos já ganho o jogo. Então o Anselmo entrou e deu um soco no cara, arreventou o cara, foi uma confusão daquela, que não tinha necessidade, mas talvez tenha sido o único lado que eu apagaria desse período. Mas que valeu aquele soco que ele deu... [risos], valeu, porque a gente começa a lembrar dos colegas que estavam ali. E a partir dali nós chegamos para jogar. Naquele período não existia muito esse negócio de planejamento de logística. Então, o Flamengo fez através do saudoso Domingo Bosco, que era o nosso supervisor que tinha um olhar e uma visão um pouquinho mais para cima, o problema do fuso horário, ele falou, aí fizeram um planejamento, “vamos primeiro para Los Angeles, a gente fica treinando lá, vamos diminuir esse fuso horário, a gente passa uma semana, na véspera do jogo vamos para Tóquio, para a gente chegar lá descansado.” E foi o que se fez. E isso daí fortaleceu mais o ambiente, o Zico viajou com a Sandra, o Adílio viajou com a mulher, era recém-casado, quer dizer, se criou aquele ambiente mais família ainda, mais a vontade ainda.

S.G. - Você já era casado também?

L.J. - Não. Eu só fui conhecer minha mulher um ano depois, antes da Copa de 1982. Eu estava mais no pagode com a minha rapaziada. Viajaram uns amigos, o Telinho tocava cavaquinho, eu ficava mais com o pessoal solteiro, Anselmo, com o Tita, mas o ambiente era aquele ambiente que a gente já conhecia.

40 José Antonio Cardoso Anselmo Pereira, o Anselmo. Ex-atacante do Flamengo.

Preocupação. Pô, a gente vai jogar contra um time que eliminou o Bayern⁴¹, eliminou o Real Madrid que eram muito mais conhecidos para a gente do que o próprio Liverpool. Tinha gente da seleção escocesa como Souness⁴², o Krober lá da África do Sul, tinha Dalglish⁴³, era um time que tinha eliminado dois fortíssimos candidatos. Só que eles não conheciam a gente. As referências que eles tinham da gente, acho que eram muito pequenas em função do intercâmbio. Então, quer dizer, nos primeiros quarenta e cinco minutos, quando eles abriram os olhos nós já estávamos ganhando de 3x0, sem correr risco, sem nada. Algumas coisinhas... O inglês é acostumado a ir para o estádio, hoje um pouco menos, naquela época de terno, era normal, isso na Europa era normal naquele período. Nós de agasalho, tocando samba, antes de começar o jogo. O cara passa, olha aquilo ali, ele ri, mas ele diz assim... pelo menos eu vejo assim, o cara deve ter imaginado, “porque esses caras que vão jogar uma final, estão tocando, estão assim tão descontraídos”, quando na verdade eles estavam compenetrados, mas aí é uma questão de conceito, de filosofia de trabalho deles lá. Mas a gente aproveita esse gancho, olha, os caras estão rindo da gente, está vendo? Que é para você botar uma pilha a mais, botar um algo mais para isso, que é esse lado da motivação. A gente aproveitou isso para fazer com que o time realmente entrasse extremamente ligado, voltado somente para aquilo ali. Por isso que eu digo que é a cereja, porque em quarenta e cinco minutos, uma coisa a que a gente achava que era difícil pra caramba, se tornou muito fácil, e os últimos quarenta e cinco foi muito mais diversão, era esperar a hora passar para poder comemorar.

E.G. – E me diz uma coisa, passar um pouquinho para adiante, em 1982, você lançou um disco “Voa canarinho voa”, que foi um sucesso de vendas, virou o hit da Copa. Da onde apareceu essa história de cantor?

L.J. - A música está entranhada como futebol dentro da minha casa, eu aprendi a tocar pandeiro com meu tio, irmão da minha mãe, meus irmãos tocam percussão, o mais novo que eu, o Lena, toca cavaco, toca banjo, então quer dizer, a sempre viveu. Meu tio fazia umas rodas de samba quando a gente morava em

41 Bayern de Munique.

42 Graeme James Souness, ex-jogador e técnico de futebol escocês.

43 Kenneth Mathieson Dalglish.

Copacabana, com os amigos, ele tinha um conjuntinho, fazia aquela... e a gente estava sempre participando, a gente não podia tocar ainda, não tinha espaço para a gente tocar, mas a gente ficava servindo eles, e acompanhando sempre essas rodas de samba. Quando eu já estava jogando no Juventus, na praia, com quatorze, quinze anos, meus colegas da Ladeira dos Tabajaras, que jogavam no nosso time tinham a escola de samba Vila Rica lá em cima na Tabajaras, lá no morro. Então a gente ia para o samba lá no morro com eles também. Então a gente começa a conviver um pouco com a MPB, com o samba, com todas essas coisas e vai ganhando. Quando chegou em 1982, o Alceu Maia, que é padrinho do Rodrigo do meu filho, e eu sou padrinho do Breno; o compadre ligou e falou: “cara, eu recebi uma fita cassete, -naquela época era fita cassete-, com uma música que tem um andamento legal, tem isso, pá pá pá”, eu falei: “manda para cá Alceu.” Aí ele mandou a fita para lá, eu fui escutar com o Edivaldo que era lateral do Fluminense na seleção comigo, falei: “Deva, vem cá”, ele também gostava de samba, ficamos escutando ali, quando acabou a música, a gente se olhou assim, eu falei: “isso é muito legal, cara.” Só que não tinha tempo hábil para fazer a coisa. Eu estava na toca da raposa...

E.G. - Mas já veio pronta, com letra, com tudo?

L.J. - Já. A música não fui eu, infelizmente não tive essa capacidade. Por coincidência, a musica foi feita pelo Memeco, que foi um contemporâneo, o Memeco também saudoso, foi um contemporâneo do meu irmão na seleção carioca de vôlei, que jogou também na seleção com ele. Memeco era um compositor. E o Memeco fez essa música junto com o Nonô do Jacarezinho, também saudoso Nonô. Eu falei: “tem muita coincidência nisso”. Falei: “Alceu, não vai dar tempo, como vai fazer?” Isso era terça feira, a gente voltava para o Rio na sexta à noite, e viajava para a Espanha no domingo à noite. Ele falou: “Não, não deixa comigo. Canta aí um pedacinho. Canta aí o refrãozinho para eu tirar o tom”. Ele tirou o tom pelo telefone. Eu falei: “cara, isso não vai dar certo, eu não estou afim, isso vai confundir, não sei o que, eu estou aqui para jogar e tal.” Ele falou: “não, não, não, tira aí.” Preparou a base toda, coro, tudo. Aí falou: “quando você chegar aqui na sexta- feira, segura tua onda para a voz, não sei o que que sábado de manhã a gente vai gravar.” Aí eu já ficava lá, escutava todo dia, cantava com a rapaziada, aí a melodia como era legal, era uma que fica no ouvido, aí quando eu cheguei já estava com a música na ponta da língua, ele

falou: “segura sexta-feira para não sair...” Não sair na sexta-feira... “Segura sexta-feira?” Preso na toca da raposa viajar, véspera de viajar! Aí eu fui num samba que tinha na Bartolomeu Mitre que era Bar Calil, desse meu amigo Telinho, que tinha ido ao mundial lá em Tóquio com a gente. Aí eu fui para lá, eu e o Edivaldo, e foi lá que eu conheci minha mulher, nesse dia, nesse pagode. Já conhecia de vista, mas nesse dia ela estava lá no samba. O que aconteceu? A gente ficou no samba até tarde, as nove horas eu tinha que estar no estúdio, quando eu cheguei no estúdio, eu estava com a voz quente ainda da noite anterior. Então eu botei a voz, rapidinho, ele falou: “pô, não é possível.” Então ficou mais difícil para eu colocar a voz no outro lado, que foi uma música que a gente fez, o pagode da seleção que era uma música da seleção que era uma música que falava o nome de todo mundo, a gente brincando com os jogadores, “O povo feliz”, o nome da música se chama “O povo feliz”. E ficou conhecida como “Voa canarinho”. E a música tomou uma projeção por quê? Os caras da gravadora pediram para eu fazer um clipe para o Fantástico. Eu falei: “ah, gente, pelo amor de Deus, aí já é demais para mim. Vocês estão abusando demais”. “Não, isso é rápido, rápido.” Mentira, um clipe você não faz em uma hora, um clipe você faz em três horas. Eu falei: “não, então tem que ser no meu habitat.” É um bar que têm na Siqueira Campos, o Rondinela, vou levar meus amigos, vou ficar ali, quando chegar na hora, vocês chamam, a gente vai e faz. Então a coisa ficou supernormal. E na hora que a seleção estava viajando, no domingo a noite, entrou esse clipe, e a partir daí com as atuações, na verdade, as atuações da seleção é que levou o disco a vender. O grande suporte...

E.G. - Mas a seleção já estava com expectativa antes de começar...

L.J. - É...

E.G. - Então a seleção já tinha assim: essa, agora sim...

L.J. - Talvez faltasse a música para embalar um pouco.

S.G. - É a segunda maior decepção da história nacional é...

E.G. - 1950 e 1982.

L.J. - Então quer dizer a música deu um levante para aquilo ali, como a gente diz, mas em função do que estava acontecendo. Em vinte e três dias o disco vendeu... naquela época era compacto duplo, aquele pequenininho, lado A e lado B, vendeu 726 mil cópias. Isso, oficialmente. Pelo que sabe se vendeu mais do dobro porque virou uma coisa nacional naquela época. Tocava no Brasil todo, em todas as rádios a musiquinha, era abertura de programas, tal, mas na verdade o mérito todo era da seleção, e eu fui somente o veículo da...

E.G. - E a Copa de 1982, como foi?

S.G. - Eu só queria fazer uma perguntinha antes. Você falou uma vez de que naquela época não tinha muita logística, que houve um certo planejamento no caso do Flamengo para o jogo em Tóquio. Como era esse regime de treino e de concentração nos clubes e na seleção?

L.J. - Nos clubes a gente tinha muito mais liberdade e flexibilidade. Já na seleção pelo fato de ser um período único...

S.G. - O que você está chamando de liberdade e flexibilidade?

L.J. - Discutir horários, discutir treinamentos, discutir até mesmo forma de jogar. No clube a gente tinha mais essa liberdade. Na seleção era uma coisa mais imposta.

S.G. - Você acha que nos clubes o estilo de jogo, por exemplo, seria negociado, de certa maneira, entre os jogadores e...?

L.J. - Negociado eu não diria, mas ele poderia ser discutido. Porque o treinador tem seu conceito, tem sua filosofia, mas algumas variantes a gente poderia chegar, na seleção um pouco menos. O Telê já tinha aquela rigidez: "é assim que eu quero, quero que você faça assim", e a gente sabia e podia acreditar nele, porque ele tinha uma visão, ele queria tirar o máximo de cada um em pró do lado coletivo. Jogador individualista com ele não era, mas nessa parte técnica ele queria que fosse colocada a disposição do lado coletivo.

S.G. - E o regime de concentração?

L.J. - Isso não tinha jeito, não tinha, isso era para todo mundo. Você tinha uma preparação para a Copa, no mínimo, a gente tinha que ficar trinta e cinco, quarenta dias com aqueles períodos de folga, mas tinha que ser assim, eu acho que não poderia ser diferente porque era dado as seleções esse período, exatamente, para você se preparar. A gente não podia fugir disso. Até porque nas eliminatórias quando a gente jogava, a gente jogava na altitude, na Bolívia, quatro mil e tantos metros e podia jogar no nível do mar. Então você precisava até fazer uma preparação para disputar esse tipo de jogo.

E.G. - O Renato Gaúcho foi cortado da seleção de 1982 por causa disso, fugiu do treino, uma coisa assim.

L.J. - Não, foi já em 1986, que ele não voltou na hora e pulou o muro, tal.

[FINAL DO ARQUIVO I]

(INÍCIO DO ARQUIVO II)

Edison Gestaldo - A gente estava falando da concentração mundial de 82. Vamos começar falando da Copa de 1982. Quem que era o grupo do Brasil?

Leovegildo Júnior - Nós jogamos com Rússia⁴⁴, Nova Zelândia, Escócia e Nova Zelândia.

E.G. - O goleiro russo era o Dasayev⁴⁵, grande goleiro. Então era um grupo simples, a Rússia era um time forte...

L.J. - Era. O adversário, na verdade, era o adversário mais forte. E saiu... quer

44 Refere-se à antiga URSS.

45 Refere-se a Rinat Fayzrakhmanovich Dasayev, ex-goleiro da Seleção da URSS.

dizer, nós saímos um pouco como favoritos em função de uma excursão que a gente fez, em 1981, um ano antes, onde a gente jogou contra a Alemanha, contra a França e contra a Inglaterra e ganhamos esses três jogos na excursão. Então isso deu visibilidade aquela excursão.

E.G. - Uma seleção forte, não é? Então a seleção chegou lá favorita e todos esperavam...

L.J. - Mas o favoritismo era externo. Internamente a gente... Porque nós já tínhamos vinte e oito anos, era a média mais ou menos, você tinha o Leandro que estava fora, o Luizinho⁴⁶ estava fora dessa média, a maioria toda já tinha uma idade, e sabia o que queria, sabia onde poderia chegar, quer dizer, as coisas foram acontecendo, a vitória contra a Rússia⁴⁷ meio contestada, tal, mas a gente saiu dali, talvez reforçado, reforçando mais ainda a consciência do que a gente poderia fazer. Até chegar, por exemplo, o jogo contra a Argentina, jogamos com a Argentina antes de jogar com a Itália. Nós fomos ver o jogo Argentina e Itália. A Itália tinha se classificado aos quarenta e quatro do segundo tempo. Só que naquele jogo era outro time completamente diferente do que a gente tinha visto uma semana antes. Alguma coisa deve ter acontecido no grupo que os caras melhoraram taticamente, tecnicamente, individualmente e coletivamente. Então nós saímos assustados. E quando a gente ganhou da Argentina, a gente tinha consciência que ia encontrar um adversário tão forte quanto. Mas aí é circunstância de jogo, você perde, um dia que a coisa não vai bem para um e às vezes contamina, quer dizer, situações de jogo que você poderia ter definido, que não foi definido.

E.G. - Aquele jogo, 3x2, vai estar... E também foi o melhor jogo da vida do Paolo Rossi⁴⁸, também tem isso. Nunca mais jogou tanto.

L.J. - O Paulo não tinha feito gol até aquele jogo, tinha sido contestado pela própria imprensa italiana.

46 Luiz Carlos Ferreira, ex-zagueiro do Atlético-MG, Sporting (POR) e Seleção brasileira.

47 URSS.

48 Então atacante da Seleção Italiana e da Juventus (ITA).

E.G. – Estava envolvido com negócio de resultados

L.J. – “Totonero” que era o jogo o clandestino, quer dizer sido, inclusive, preso. Mas isso aí no momento não é muito levado em conta. A partir daquele momento ali ele terminou como o maior jogador da Copa, artilheiro da Copa, e nós proporcionamos isso, infelizmente naquele momento. De lamentar, somente o fato que depois a Itália ter ganho, porque quem ganha tem razão e é copiado, que todos os outros talvez tenha existido uma estagnação no futebol em geral, porque todo mundo começou a jogar como a Itália, que é o tal do futebol da resultado. Se a Itália não tivesse ganho, se tivesse ganho o futebol que a gente estava jogando, fatalmente teriam os outros procurado copiar. Talvez não conseguissem, mas tentariam pelo menos copiar a forma de jogar, e nisso... quer dizer, eu acho que teve uma estagnada durante um período do futebol onde você joga em função do que te dá o resultado.

E.G. - Quando você saiu do Flamengo e foi para...?

L.J. - Eu saí do Flamengo em junho de 1984.

E.G. – 1984. Entre as duas Copas, você foi para a Itália.

L.J. - Foi. A experiência, primeiro, porque o campeonato italiano, a partir de 1983, ele passou a ser denominado o melhor campeonato do mundo, porque todos os grandes astros do mundial de 1982, tinham se transferido para lá: Edinho⁴⁹, Rummenigge⁵⁰, Platini⁵¹, Falcão, Cerezo...

E.G. – O Zico já tinha ido...

L.J. - Zico já tinha ido para Udinese, Edinho, então existia ali, na verdade, era o maior campeonato do mundo.

⁴⁹ Edino Nazareth Filho, o ex-zagueiro Edinho, atuou pelo Fluminense, Udinese (ITA) e Seleção brasileira.

⁵⁰ Karl-Heinz Rummenigge, ex-atacante do Bayern de Munique, Internazionale de Milano (ITA) e Seleção Alemã.

⁵¹ Michel François Platini, ex-atacante do Saint-Étienne (FRA), Juventus (ITA) e Seleção francesa. Atualmente é presidente da UEFA.

E.G. – O Sócrates também.

L.J. - Magrão⁵² foi junto comigo no ano de 1984 também. Então para mim, na verdade, o que mais me fascinava era o fato de eu ter sido chamado para jogar na minha verdadeira posição que era o meio-campo. Então isso foi a primeira coisa que... tanto que quando se sentou para negociar, eu falei: “o treinador quer que eu jogue aonde?” Porque ele tinha me visto jogar um torneio, lá em Milão, no meio-campo no Flamengo. A gente está levando para você jogar no meio-campo. Falei: “tem certeza disso” “Temos certeza disso, é isso mesmo. Ele está procurando um jogador de meio-campo com as tuas características, tal, tal”, eu falei, “está bom, então vamos começar a conversar.” Porque se eles dissessem que eu ia jogar de lateral, eu não iria, ficava aqui. Porque aí eu já tinha passado daquela fase, eu queria uma coisa pessoal muito mais do que propriamente outra coisa. Eu estava em busca de uma conquista que durante muito tempo, não é que eu me sacrifiquei, mas deixei de jogar na posição que na verdade era a minha posição e aonde eu queria jogar.

E.G. - Quantas temporadas você jogou no futebol europeu?

L.J. - Joguei três anos no Torino e dois anos no Pescara. É uma experiência única, não somente de vida profissional, mas vida privada. Eu era recém-casado, meu filho estava nascendo.

S.G. - Seu filho nasceu lá?

L.J. - Não, o Rodrigo nasceu aqui, ele foi para lá com um mês, praticamente. Quem nasceu lá foi a Juliana que nasceu em Torino, em 1986, dois anos depois. Mas aí, solidifica o casamento, você tem que passar por dificuldades. A língua, na verdade, não foi nenhum problema, depois de um mês eu já me fazia entender, quer dizer, o problema da neve, do inverno rigoroso, Torino é uma cidade difícil, do clima, sobretudo na parte do clima. Você passa quase sete meses com inverno, aquele ano que a gente foi, em 1984, trinta anos que não fazia

52 Apelido pelo qual Sócrates era conhecido.

um inverno tão rigoroso, as dificuldades naturais de adaptação. A meu favor o é que deu? Foi esse negócio de eu jogar na minha posição, então quer dizer, para mim era um desafio todo dia. Até mesmo como adaptação minha. Aí o time foi crescendo, foi crescendo, eu comecei a crescer junto, quer dizer, o Torino era um time médio, continua até hoje sendo um time médio, que começou a brigar para ganhar o campeonato. Tanto que nós fomos vice-campeões no final. Quer dizer, as minhas atuações começaram a serem salientadas, tal, quer dizer, um jogador de trinta anos que veio do Rio de Janeiro, com calor, se adaptar... O inverno para mim não foi um problema, foi um problema na verdade. No dia que eu acordei que vi aquela neve toda, com o carro todo, uma neve até em cima, eu falei: “como é que eu vou treinar? Não tem como.” Aí liguei para a sede do clube e falei: “tem neve em tudo quanto é lugar.” O cara falou: “bota uma corrente na roda”, era uma corrente que eles usavam, eu falei: “eu, corrente na roda, não dá, pede para alguém vir me buscar.” Quando o cara veio me buscar que eu estou indo para o treino, eu passei numa loja que tinha aquelas caminhonetes de 4x4, com tração nas quatro. Eu falei: “amanhã eu estou aí.” Porque eu não ia conseguir conviver na neve. Aí eu comprei uma caminhonetezinha 4x4, aí eu era o rei de Torino, com neve para cima e para baixo, com a minha caminhonetezinha, foi a melhor coisa que eu fiz. Então quer dizer, esse problema ele foi eliminado.

E.G. - E como foi com o esquema de treinamento, disciplina, concentração?

L.J. - Isso para mim não era... Isso pra mim não foi problema.

E.G. - Porque tem toda uma coisa do Brasil gostar de coletivo, de jogar bola, enfim.

L.J. - Eles diziam que eu era um brasileiro atípico, pela questão, exatamente... Eu nunca cheguei atrasado, nem aqui, nem lá, imagina. Primeiro que eu tomei logo a consciência que eu estava roubando o lugar de um italiano; sou imigrante, vim em condições muito melhores que muitos deles que estavam ali. Então não posso dar brecha, não podia dar nenhum motivo para ninguém falar de mim. E, além disso, eu estava correspondendo, porque quando você é contratado um estrangeiro, eles estão te contratando porque eles estão querendo algo mais de você, alguma coisa que eles não encontraram dentro de casa, o cara foi buscar fora, então você tem que dar esse algo mais. Você tem que encontrar a forma

de você dar esse salto de qualidade para eles, e eu consegui. Esse negócio de disciplina e treinamento eu encarava tudo. Não tinha tempo ruim para mim. Ah faltou feijão... que faltou feijão! Compro feijão mexicano. “Ah, não tem isso”, “vamos fazer isso”, você vai se adaptando. A maior dificuldade era a questão, exatamente, da distância dos meus amigos. Os caras de pirraça me ligavam, cinco horas de diferença, eu estou na concentração, “telefone para você do Brasil.” “Para mim?” Até estranho, aconteceu alguma coisa? “Alô”, tinha acabado o jogo do Juventus na praia, eles estavam no bar, aí ligavam do bar para mim: “aí, o Juventus ganhou de não sei quem...” “Vocês estão malucos?” Pá, batia... Aí eu pedi: “gente, não liga...”

Simone Guedes - E não era celular não.

L.J. - Não. “Gente, não liga porque vocês me deixam meio depressivo com isso”. Porque na minha cabeça eu visualizava o que estava acontecendo no bar, a conversa, não sei que... aí aos poucos você vai... tá bom, eu vou voltar mesmo, não vou ficar aqui para o resto da minha vida, então... Aí você começa a fazer amizades, as pessoas começam... Porque o que eu acho importante da questão da língua é o seguinte, quando você começa a falar a língua, você começa a se expressar, as pessoas começam a te conhecer fora do campo. Aí eu comecei a falar umas palavras em dialeto piamontês, que eu escutava os dois massagistas conversando, e perguntava: “o que é isso?” você vai caindo na graça das pessoas pelo teu profissionalismo, por esse lado também de descontração. Então esses três anos de Torino, até chegar um problema com o treinador, tal, aí eu falei: “não, se ele ficar aqui, não dá para conviver mais por uma incompatibilidade mesmo”. Aí apareceu o negócio de Pescara⁵³, que é uma cidade perto do Adriático⁵⁴, cidade de mar, aquele cheirinho de maresia, eu já sentia já aquilo ali, aí falei: “vamos ver o que acontece.” Vou para um time pequeno, que tinha subido da primeira divisão⁵⁵, ia ser o primeiro estrangeiro a jogar. Aí fui para aventura Pescara que foi ótima, porque eu conheci o outro lado da Itália. Eu estava no norte, fui para o centro-sul, com outra mentalidade, outra... completamente diferente, se assemelha muito mais a gente como comportamento do que era em Torino. E fiquei dois anos lá maravilhosos, em

53 Cidade localizada no centro-sul da Itália, na costa leste, junto ao Mar Adriático.

54 Refere-se ao Mar Adriático.

55 Aqui o entrevistado quer dizer “para a primeira divisão”.

todos os sentidos. Também porque ali eu tinha muito mais responsabilidade do que a primeira ida para lá. Porque ali eu era o cabeça, um pouco, do time para fazer as coisas acontecerem.

E.G. - Chegou para ser estrela do time.

L.J. - Exatamente.

E.G. - E como foi a campanha do Pescara?

L.J. - O primeiro ano a gente foi muito bem. Encontrei um treinador, um cara que era completamente diferente do que eu tinha, esse era desprovido de vaidade, não tinha esse negócio, e jogava para frente, o negócio dele era ganhar. Ele dizia: “Pô se a gente fica jogando contra... por exemplo, Juventus, aqui, a gente vai ficar se defendendo, defendendo, vai chegar uma hora que vão fazer um gol, então vamos tentar atacar, vamos fazer. Vai chegar uma hora que a gente...” E realmente aconteceu. Ganhamos do Juventus em casa, ganhamos do Inter ⁵⁶ora de casa, empatamos com Napoli de Maradona e Careca, esses resultados, no primeiro ano foi... No segundo ano, o presidente quis retirar um pouco os investimentos que ele tinha feito no ano anterior. Levou o Tita, levou o Edimar, nós éramos três brasileiros nesse ano e nós estávamos numa campanha para acontecer a mesma coisa. Aí o Tita teve caxumba, nas últimas sete rodadas ficou dois meses fora. O Tita era nosso artilheiro, quer dizer, não foi por causa do Tita, mas nos faltou o Tita, naquele momento para fazer. Aí o time caiu, já estava para cair, foi quando apareceu o Rodrigo meu filho, quando eu cheguei do treino ele estava vendo um cassete que o Zico me deu com todos os gols dele. Nem sei, ele com cinco anos de idade, conseguia botar aquilo ali e apertava, já sabia o mecanismo. Ele via essa fita de cabo a rabo todo dia. Uma vez eu cheguei do treino ele falou: “pai, quando eu vou te ver jogar no Maracanã?” Eu falei: “opa”, ascendeu a luz vermelha aqui. Eu estava com trinta e cinco anos, se eu não for agora, ele não vai me ver. Aí eu falei para a minha mulher: “acho melhor a gente...” “não, vamos ficar mais um pouco...” falei: “não, acho que a gente tem que ir.” Aí em um mês a gente resolveu ir embora. Aí apareceu a consulta do Flamengo, se eu queria votar e tal, tal, tal. Eu falei,

56 Internazionale di Milano.

vamos. Aí encarei. Vim para jogar um ano, terminei jogando mais quatro anos e meio.

S.G. - Até quase quarenta.

L.J. - Eu parei com trinta e nove, em 1993, exatamente.

E.G. - Ainda deu para ganhar...

L.J. - A Copa do Brasil em 1990, o Carioca em 1991, e o Brasileiro de 1992.

E.G. - Vamos voltar um pouquinho para a Copa de 1986 que a gente acabou falando da experiência na Itália. Foi uma grande decepção para o futebol brasileiro em 1982, as pessoas, mas todo mundo dizia: “podia ter ganhado aquela Copa.” Então teve aquela coisa de 1986, ser tipo, a segunda chance. Vamos lá de novo.

L.J. - Pela forma como aconteceu.

E.G. - Porque era o mesmo técnico, a mesma base do time.

L.J. - É o Telê tinha voltado e ele se apoiou um pouco no pessoal de 1982. O Zico estava machucado, infelizmente, naquele período, estava voltando daquela Copa, e a gente estava fazendo uma Copa, não espetacular como a de 1982, mas concreta, objetiva. Até o jogo contra a França, que a gente terminou perdendo nos pênaltis, o Zico perdendo um pênalti durante o jogo, o que dizer? A gente naturalmente fez de novo a mesmas coisas que a gente tinha se planejado para fazer. Não é que a gente deixou de treinar, não é que a gente deixou de fazer as coisas. Era uma outra seleção, outro tipo, com o mesmo objetivo. A circunstância do jogo terminaram fazendo com que a gente não...

E.G. - Sim. O Zico que é um grande batedor de pênalti, perdeu aquele pênalti no meio do jogo.

L.J. - É o que eu digo sempre, você não pode dizer que aquilo dali o que determinou a eliminação nossa, não. Quer dizer é uma série de outras coisas

que aconteceram durante o jogo que poderiam ter decidido o jogo. A gente perdeu diversos gols, que, normalmente, não perderíamos. Se volta um pouco, o clichê, faz parte do jogo, é aquilo ali. Não é a gente perdeu para uma outra inferior, a gente perdeu para uma seleção também de categoria e de qualidade. Uma pena porque a gente sabia que era a última oportunidade para aquela geração, que dificilmente alguém teria oportunidade de poder jogar outra Copa.

E.G. - Só na comissão técnica ou coisa assim.

L.J. - Mas aí já é uma outra satisfação, um outro prazer.

E.G. - Uma outra história, diferente, claro. E como foi a história do futebol de praia, você começou com futebol de praia e voltou? Tipo assim, o futebol de praia que você jogava quando era criança não é mais o mesmo futebol de praia que você começou a jogar “beach soccer”, tal, lá quando você...

L.J. - Não é pela, como vou te dizer, pela formação do jogo como regra, como tudo, mas é sempre futebol de areia. Então quando aconteceu um convite... Um ítaló americano, Giancarlo Signorini, que me ligou e falou: “olha, nós estamos organizando um torneio em Miami” - em 1993 isso- “Estamos organizando um torneio em Miami, eu soube que você joga futebol de praia, que começou no futebol de praia, eu estou levando uns jogadores de São Paulo” - levou o irmão do Júlio Cesar⁵⁷, zagueiro, levou o João Paulo⁵⁸, levou o Gerson Caçapa⁵⁹, levou o Brigade que era goleiro- “estava querendo levar porque eu sei que você joga futebol de praia.” Eu falei: boa oportunidade de ir a Miami, fazer umas comprinhas, pegar um sol, eu vou lá conhecer essa modalidade. Só que quando eu vi, e ele explicou como era o jogo, me deu um estalo, falei: “caramba, isso é a cara do Rio de Janeiro”, e fomos e disputamos o torneio contra a Argentina, contra Estados Unidos e a Itália. Eu falei: “Isso aqui é uma coisa que...” Aí conversei com ele, que ele queria trazer para cá, tal, já tinha estudado com um dos filhos da família Marinho, que ele tinha uma entrada na televisão; aí nós começamos a montar um pouquinho a coisa, como a gente vai fazer e tal. Eu falei: “olha, eu tenho amizade

⁵⁷ Júlio César Silva, o Julio César. Ex-zagueiro do Guarani, Borussia Dortmund (ALE) e Juventus (ITA).

⁵⁸ João Paulo de Lima Filho, o João Paulo, ex-ponta esquerda do Santos e Corinthians.

⁵⁹ Gérson Caçapa, ex-volante do Palmeiras nos anos 1980.

com gente que joga, joga futebol e sabe jogar na areia também, para a gente começar a dar um suporte nisso aí.” Aí nós começamos com essa brincadeira que hoje tem a chancela da FIFA com diversos campeonatos mundiais, eu terminei ficando oito anos. Mas para mim aquilo ali era um prazer enorme, voltar a jogar descalço. E, além disso, o jogo era legal.

E.G. - Mas mudou as regras? Tipo, antes era onze.

L.J. - Hoje são com cinco, mas o que isso te fascina? O jogo é espetacular, o jogo é plástico. Você dificilmente tem contusão, o jogo é levado muito mais para o lado técnico, as regras foram criadas para que o lado técnico seja exaltado sempre. Isso é uma coisa que mais fascinava o negócio, além de eu estar em boa forma e poder me divertir.

E.G. - Sim, que areia fofa empata a condição técnica de todo mundo. Não tem aquela do cara ter vinte e dois anos, então consegue dar um super pique e chegar na bola. Jogadores de diferentes idades emparelham na técnica exatamente porque a areia...

L.J. - Em algumas situações sim, mas isso fez com que a coisa tomasse uma proporção, porque a primeira seleção que foi montada foi Paulo Cesar, Edinho, Zico, eu e Claudio Adão. Quer dizer, então a partir, vamos dizer, da nossa imagem a coisa começou a tomar uma proporção e uma dimensão muito grande, com audiências absurdas na televisão. Aí vieram Júlio Negão, Jorginho, Robertinho, Juninho, Benjamim, essa rapaziada que ainda tem gente ainda...

S.G. - Mas porque você diz que o jogo foi pensado para destacar essa parte de técnica?

L.J. - Porque o americano, esse ítalo-americano, Giancarlo, pensava o seguinte: “não é possível que nos Estados Unidos, esses caras não gostem de futebol.” Então ele bolou o jogo para que se divertisse quem estava jogando, quem estava vendo e quem estava vendo em casa, que era para a televisão.

S.G. - Mas o que especificamente no jogo você acha que propiciava isso?

L.J. - Essas regras, qualquer falta que você fazia, você batia falta sem barreira, entendeu? Então um jogo terminar 0x0, eu não conheço na época que eu joguei que um jogo tenha terminado 0x0. Lógico que com o andamento, as equipes...

S.G. - Tendiam a ser mais dinâmico.

L.J. - Dinâmico. Exatamente isso. Dinâmico, plástico, com uma beleza... Porque a coisa não foi só pensada por ele para se divertir quem estava jogando. Tinha que todo mundo, a televisão era a ideia dele. Três tempos de doze minutos, com três minutos de descanso, que era para poder ter aqueles quarenta minutos, que era tipo um pacote para televisão. Aí a cosia tomou... Hoje, quando vejo, penso, jamais a gente pensou em 1993 que a coisa tivesse chegado aonde chegou.

E.G. - Mas você se envolveu na organização dos eventos ou você só jogava?

L.J. - Um pouco. A minha ideia, na verdade, ele me perguntou, eu falei: “tem uma empresa que é a Koch Tavares, que já faz o voleibol e tem todo o know-how disso aí.” Então eu ficava responsável muito mais da parte técnica, formação da seleção e deixava essa parte. Fazia meus contratos através de torneios e competições, como todo mundo começou na época a fazer, então... E eu precisa me afastar um pouco do que eu estava vivendo, sair um pouco mesmo do ambiente do futebol, então encontrei. Só ia para lugares muito legais, praias maravilhosas, quer dizer, com uma seleção que dificilmente perdia, o que eu queria mais? Ainda tinha uma remuneração legal. Era tudo que eu quero. Era para ficar um, dois anos, terminei ficando oito anos.

E.G. - Você tinha um contrato mesmo? Você jogava pela seleção brasileira?

L.J. - Todos tinham contrato.

E.G. - Não era tipo uma convocação?

L.J. - A convocação era feita em base a parte técnica, e cada um fazia seu contrato individual.

S.G. - E quem convocava?

L.J. - Eu fiquei responsável durante boa parte. Logicamente eu conversava com o pessoal, o treinador. Eu fiquei como treinador e tinha um segundo treinador que foi trocando, mas eu no início, nos cinco primeiros anos fiquei responsável direto mesmo por isso, por esse contato. Porque precisava de alguém para tomar... E a gente tinha uma responsabilidade, porque esses garotos começaram a chegar, de dizer para eles que eles tinham deixado de ser anônimos, tinham que se comportar como profissional, que tinham que começar a pensar a coisa como um profissional mesmo do futebol de areia. Aí a coisa deslanchou em função dos resultados, das audiências, dos convites, hoje a coisa anda com as próprias pernas há muito tempo, até chegar a chancela da FIFA que ai deu...

E.G. - Até por essa questão de fisicamente permitir que os jogadores mais velhos joguem em condição praticamente de igualdade com os mais novos, é a oportunidade para quem é da plateia, da assistência, ver grandes nomes do futebol mundial jogando.

L.J. - Tivemos uma final no Rio que tinha, além do nosso time, tinha Altobelli⁶⁰, Gentile⁶¹, gente que tinha sido campeã do mundo com a Itália em 1982. Mas a ideia não era você trazer o cara gordo, a coisa se restringiu, pelo menos uma condição física razoável porque senão a qualidade do jogo caia muito e não era essa a ideia.

S.G. - Um outro derivativo atual desse modelo que é o Showbol.

L.J. - O Showbol já tinha acontecido há um tempo atrás que ele voltou.

S.G. - Também, e joga também um pouco com essa faixa etária.

L.J. - O Showbol foi também um pouco por esse lado. Resgatando um pouco os ex-jogadores para que eles pudessem também...

⁶⁰ Alessandro Altobelli, ex-jogador de futebol italiano, fez parte da seleção italiana campeã do mundo de 1982.

⁶¹ Claudio Gentile, ex-jogador de futebol italiano, foi zagueiro e jogou na Juventus (ITA) e Fiorentina (ITA).

S.G. - É muito plástico também, muito televisável.

L.J. - É, porque a ideia é essa. Quer dizer, um estilo de jogo. O que precisa compreender é o espaço, o horário, aquilo tudo ali que faça com que você não veja cinco minutos e vá embora, não é esse o objetivo. E trazendo esses caras, eu acho que atingiram o objetivo. Talvez com uma proporção muito menor do que foi o beach soccer no início, até porque o “beach soccer” passava na televisão aberta, completamente do Showbol que passa na televisão fechada.

S.G. - É verdade, eu me lembro.

E.G. - Lembro do Showbol quando chegou em Porto Alegre, jogavam no Gigantinho⁶², tabelava na parede.

L.J. - A mesma coisa.

E.G. - Está certo. Acho que está bom por aqui, não é?

S.G. - Acho que só falta falar mais um pouquinho da vida familiar.

E.G. - Falar, Junior, como tu entrou na mídia, como foi essa questão de você virar comentarista?

Bernardo de Paola Bortolotti Faria - Retorno do Flamengo, 1990, como foi?

L.J. - Esse retorno para o Flamengo aconteceu em função do pedido do meu filho, do Rodrigo.

B.F.: Como foi encerrar a carreira no Flamengo?

L.J. - Primeiro, encerrar carreira é um negócio bastante complicado na cabeça da gente. Mas como eu já vim com a minha cabeça mais ou menos preparada, de jogar um ano para depois... Então eu já vinha alimentando isso, quer dizer,

⁶² Refere-se ao Ginásio poliesportivo do Internacional. Conhecido como “Gigantinho” por conta do apelido do estádio do Colorado, chamado de Gigante da Beira-Rio.

por isso que o pessoal dizia que eu estava tipo Silvio Caldas, se despedindo a cada ano. Porque eu tinha que medir, avaliar aquilo que eu poderia dar, eu não queria jogar por jogar. Não queria jogar pelo salário, queria jogar para me divertir, para ter prazer. E talvez tenha sido a melhor fase da minha vida profissionalmente tenha sido essa, porque eu não tinha outras preocupações, minha preocupação era em jogar e me divertir.

S.G. - Você já estava estabilizado financeiramente.

L.J. - É, já estava com a cabeça voltada para outras coisas já, no pós. Mas as coisas foram acontecendo. Eu vinha respondendo fisicamente, que é a grande preocupação, então isso aí foi acumulando, eu falei: “vou jogar um ano”, nada, daqui a pouco me vi quando já estava em 1990, 1991, 1992, e 1993, e conquistando. Quer dizer, tive a oportunidade de trabalhar com a geração do Flamengo, a primeira que não a Copa São Paulo de Júnior, que depois todos eles viraram estrelas: Djalminha⁶³, Marcelinho⁶⁴, Júlio Baiano⁶⁵, Rogério, eles me viam assim, porque eu era o último remanescente de 1978, 1983, a geração chamada de ouro. Então eu tinha que alguma coisa passar para essa rapaziada, eu contava história triste pra caramba para eles, contava histórias que serviram, na verdade, para eles durante a vida. Eles estavam começando a vida profissional e eu já estava descendo a ladeira, já tinha passado por tudo aquilo que eles iam passar, então deu uma simbiose legal, deu uma encaixada legal nos pensamentos, os caras que de vez em quando você tinha que dar uma puxada de orelha, mas com objetivos. Então a gente viveu o campeonato brasileiro de 1992, que para mim, pessoalmente, tem um significado muito grande e importante na minha vida. Primeiro pelo fato de estar com trinta e oito anos, comandando uma garotada, quando ninguém aposta na tua ficha e você vai lá e ganha. Então quer dizer para mim teve um significado, tem um significado muito grande, em 1992, não somente do lado da questão do

⁶³ Djalma Feitosa Dias, o ex-meia talentoso e esquentado, Djalminha atuou no Flamengo e no Palmeiras. Além de ter um carreira fora do país.

⁶⁴ Marcelo Pereira Surcin, o Marcelinho Carioca, ex-meia do Corinthians e do Flamengo.

⁶⁵ Raimundo Ferreira Ramos Júnior, o Júnior Baiano, ex-zagueiro com passagens marcantes pelo Flamengo, Palmeiras, São Paulo e Seleção Brasileira.

campo, do que aconteceu no campo, mas principalmente de ter levado para esses caras a ideia do que era profissionalismo, que eles estavam na fase de transição, saindo do juniores e indo para o profissional, “aqui tem que ser assim, se vocês não fizerem assim, vocês não vão conseguir.” Isso daí eu acho foi um lado do irmão mais velho orientando um pouco essa rapaziada.

S.G. - Você acha que ainda existe esse tipo de relação hoje nos clubes de futebol?

L.J. - Existe, acho que o pessoal que viveu outro período, tipo Marcos, do Palmeiras, tipo Rogerio Ceni, esse pessoal que voltou de fora, como Marcos Assunção, como Juninho⁶⁶, no Vasco, porque esses caras hoje também estão também vivendo um pouco do que eu vivi com a garotada, e eu acho que é uma obrigação de quem está ali, de passar tudo aquilo que armazenou durante a carreira, porque isso talvez fique muito mais do que qualquer partida, qualquer gol, qualquer conquista que tenha feito, que é para o cara, para a formação dele.

E.G. - Essa coisa de você virar agora comentarista de futebol, como rolou isso?

L.J. - Eu já na Itália trabalhei algumas vezes, eu tinha um programa na Itália que se chamava Brasiléo, léo de Leogevildo, era Brasiléo, que a gente fazia um resumo da rodada toda. Tinha um âncora que trabalhava comigo, então a facilidade com câmara, com microfone...

E.G. - Você falava em piemontês?

L.J. - Não, aí já estava em Pescara. Então a facilidade... Aí começou, trabalhei na Tele Monte Carlo, lá, fazendo uns jogos da Copa Uefa, na própria RAI comentando alguns jogos, da Seleção brasileira em amistosos. Quer dizer, eu sempre gostei de esmiuçar um pouco parte tática, esse lado. Quando eu vim aqui foram aparecendo as oportunidades, aí eu fui me desligando um pouco do ambiente de treinador, dessas coisas, você vai vendo também que ali tem um desgaste, tem um estresse, e não era o que eu queria. Eu queria uma coisa mais light, mais tranquila, que eu pudesse conviver mais com a minha família,

66 Juninho Pernambucano.

acompanhar um pouco o crescimento dos filhos, aí fui... Desde 1995 eu comecei a fazer transmissões. Em 1995 já comentei a final do Brasileiro do Santos e Botafogo, da segunda partida lá. Aí você vai aprendendo, estou começando a gostar, você vai tendo prazer, eu digo hoje que eu vou trabalhar com prazer, vou comentar independente de qual seja o jogo, vou comentar com prazer. Aí te obriga a você ver coisa que eu fiz na minha vida toda que é ver jogo de futebol. Então a coisa que hoje para mim... Eu escrevo, profissão: comentarista de futebol, que é uma coisa que me completa mesmo e....

E.G. - Você escreve para jornal também?

L.J. - Não, escrevi algum período, fiz umas colunas, mas é uma coisa... O jornal te dá, eu acho, que menos do que dá a televisão, que é o direto, que é uma exposição direta. No jornal, de repente, às vezes, as pessoas podem interpretar de um jeito, mas ali você falando eu acho que fica mais, sei lá, mais direto coisa com o torcedor. E eu tenho conseguido, que é uma coisa bastante... Outro dia até, engraçado, que foi um elogio que eu recebi de uma senhora no aeroporto, ela falou para mim: “você tem que torcer mais para o Flamengo.” Eu falei: “opa, estou sendo isento.” Porque se uma torcedora...

S.G. - Posso garantir, ela tem toda razão.[risos].

L.J. - Porque o que acontece? Eu não estou ali para torcer. Eu tenho que estar ali para ser um profissional que comenta futebol, independente da camisa. Logicamente trabalhando no Rio, espero que os times do Rio tenham sempre sucesso, porque valoriza o nosso trabalho. Estou fazendo uma Libertadores com times de São Paulo, torço mais para os times de São Paulo, quer dizer, é uma coisa normal. Mas torcer especificamente por um time, não estou ali para isso. Primeiro que seria uma falta de respeito com os torcedores dos outros times. Logicamente, os jogos do Flamengo, como eu conheço o ambiente, tenho talvez até mais subsídios para comentar do que os outros clubes, que eu não vivi. Mas a coisa ali tem que ser um pouco mais equilibrada. E esse... Quando ela disse isso, eu falei: “pô, a senhora não sabe elogio que a senhora está me fazendo.” Porque poderia soar até como uma crítica. Eu falei: “a senhora não sabe o elogio que a senhora está me fazendo, estou me comportando legal.”

E vejo com os torcedores dos outros clubes também. Isso é uma coisa que é difícil você chegar. E eu aos pouquinhos estou conseguindo chegar, quando chegar... na unanimidade não, porque unanimidade como dizia, é burra, mas chegar perto daquilo que eu acho que todo torcedor quando senta para ver a televisão, ele espera.

E.G. – Me diga uma coisa. Só por curiosidade, e o Flamengo atual, agora, por onde você vê...?

S.G. - Para com isso...

B.F.- Flamengo de 2014 também, quais suas expectativas, se você enxerga algum jogador que tenha um estilo...?

L.J. - Eu continuo otimista em relação à Copa de 2014, sobretudo pelo material humano. Eu acho que não dá para você desprezar Daniel, Thiago Silva, Dedé, Marcelo, Lucas, Neymar, Leandro Damião, Oscar, é uma geração realmente de qualidade muito grande. O que falta é o treinador ter a capacidade de reunir todos esses caras e fazer com que eles possam ter o rendimento. Eu continuo otimista porque a dificuldade é quando você não tem material humano. Quando você tem material humano, mais cedo ou mais tarde, você vai dando uma aparádinha nas arestas, eu acho que dá para você chegar. Nós vivemos durante mais de vinte anos, você teve Careca, você teve Romário, você teve Ronaldo, teve Bebeto, gente que decidiu durante muito tempo, e nós não temos mais esses jogadores. Esse é um peso que está acontecendo na seleção brasileira que é o fato de você não ter um jogador desse naipe. O Neymar pode ser? Pode ser, mas ainda não é. Então a gente espera e deposita também nele, essa possibilidade dele virar um jogador mais ou menos no nível desses que eu falei.

E.G. - Mas você acha que o Mano Menezes... Por exemplo, o Brasil tem essa coisa assim, o Brasil não está ganhando, troca o técnico. Aí vai por terra todo um trabalho de anos que, por exemplo, o Mano Menezes vem fazendo de renovar seleção, de pegar jogadores jovens, de procurar, aí perdeu a olimpíada, todos assim: “tem que tirar o mano Menezes”, há um ano da Copa das Confederações vão trocar o técnico, começar tudo de novo. Como você vê esse processo?

L.J. - Eu acho que é difícil hoje de acontecer uma mudança, mas não impossível, porque a gente não sabe, até porque não tem por parte dos dirigentes da CBF, que quem comanda, uma opinião externa, pode ter internamente, mas a gente não sabe o que pensa o presidente da CBF em relação ao treinador. Ele disse: “ah, o treinador depende de resultados”, ponto. E aí? Os resultados não estão acontecendo, mas ele permanece. Faltam sete meses, oito meses, é para a gente ter uma prévia da Copa do Mundo, do Mundial que é a Copa das Confederações. E até hoje a gente não tem, a gente tem até nomes, mas a gente não tem um time. A gente precisa de um time, nós temos nomes, não temos um time. As experiências foram feitas, e infelizmente a gente não tem. Hoje, que já deveria... Eu falo em relação à Espanha, Alemanha, as outras seleções que já tem uma estrutura formada.

E.G. - Que tenha um padrão de jogo.

L.J. - É mais fácil a gente até hoje falar da seleção espanhola, da seleção alemã como formação, como time do que a nossa.

S.G. - Mas o fato do Brasil não estar disputando as eliminatórias...

L.J. - Pode ter um peso. Pode ter um peso. Porque você dificilmente vai jogar contra seleções que você vai ter uma avaliação real não é? Quer dizer, amistosos...

E.G. - 8x0 na China não quer dizer nada.

L.J. - Mas eu acho que não é por aí, porque nós jogamos antes de ir para a Copa do Mundo, contra a Irlanda, e nós fizemos um placar mais ou menos desse. E o torcedor, ele saiu muito, mas muito satisfeito, não pelo placar, porque ele viu. O problema todo é esse, não é você ganhar de oito, pode ganhar de 1x0, mas você fazer com que o torcedor saia satisfeito com que ele viu, de perspectivas, muito maiores e melhores do que ele viu.

S.G. - Mas você não acha que... Agente estava falando da questão de concentração

etc, quer dizer, os treinadores de seleção brasileira hoje eles dispõem muito pouco tempo com o grupo?

L.J. – Com o grupo. Mas isso é uma coisa que já vem acontecendo há bastante tempo. Eles teriam que arrumar uma forma e uma fórmula...

S.G. – São muito caros os jogadores agora?

L.J. – Tem o problema das datas FIFA, quer dizer, o cara pega uma segunda para jogar na quarta, quinta-feira vai embora. É uma dificuldade, mas eu acho que é para todo mundo.

E.G. – E esses calendários estão muito lotados. Tem muito campeonato rolando ao mesmo tempo.

L.J. – Sobretudo com a gente aqui.

E.G. – Quantos jogos jogavam por ano antigamente?

L.J. – quarenta e cinco, cinquenta no máximo, quando você estava jogando uma Copa. Aqui no Brasil você joga setenta, setenta e cinco jogos.

E.G. – Pois é. Então os jogadores vão sendo lesionados, desgasta muito antes.

L.J. – Muito mais, tudo isso. Mas eu continuo otimista, acho que com o material humano. Não dá para você querer fazer limonada se você não tiver limão. Nós temos esses limões todos aí, são limões de qualidade, basta que a pessoa que vá, saiba manusear, saiba fazer com que essa limonada não fique muito amarga, mas também não fique com muito açúcar. Isso é uma responsabilidade do nosso Mano Menezes.

E.G. – Certo.

L.J. – Beleza, rapaziada?

B.F. - Flamengo...

E.G. - Muito. Eu quero saber a hora que o Flamengo atual... Estou desesperado pelo Flamengo, louco para torcer pelo Flamengo, mas...

L.J. - O Flamengo atual é o reflexo da administração que está acontecendo, acho que isso tudo é reflexo. Se você for enumerar todas as coisas que aconteceram negativas que estão estampadas aí nos jornais, nas televisões, é reflexo. Futebol hoje se você não tiver um mínimo de planejamento é difícil você chegar. E olha que o Flamengo nos últimos anos teve a maior arrecadação em termos de televisão e patrocinadores, e não conseguiu atingir o nível aceitável para os torcedores e aqueles que acompanham.

E.G. - Porque o Flamengo estava indo em até que saiu o Ronaldinho Gaúcho. Começou a dar uma crise...

L.J. - Na verdade, eles começaram com um projeto, que foi com a chegada do Vanderlei⁶⁷, no meio do processo acabaram com o projeto porque faltou, na verdade, quem comanda, cobrança, exigências para fazer com que as coisas acontecessem. A ideia do projeto era boa, poderia ter acontecido. Só que se deixaram levar ou se deixaram, principalmente, pensar que pequenas coisas poderiam fazer com que o clube fosse avante. Não é assim. No futebol, pelo dinamismo, na segunda você é vilão, na quarta você é herói, e você tem que se preparar para saber o que pode acontecer, atravessar as crises. Corinthians é uma demonstração disso. O treinador perdeu uma Copa Libertadores de uma forma realmente difícil de você engolir, mantiveram o treinador, deram uma melhorada no planejamento, o que aconteceu? Corinthians foi campeão Paulista, foi campeão Brasileiro, foi campeão da Libertadores e provavelmente vai ser campeão do mundo, com marketing, dando banho em todo mundo, vendendo até o que não consegue vender, com uma arena montada, então a pipa, como a gente diz, do Corinthians vai de uma forma que vai ser difícil de você arrumar alguém para, com o potencial que tem, de tudo, e sabendo usar isso nos momentos, apesar de vender jogadores, como fez algum tempo atrás

⁶⁷ Vanderlei Luxemburgo, treinador de futebol.

para poder se estruturar. Isso que os clubes na verdade tem. Esse fato de ter seu próprio estádio é um pulo do gato, como o próprio Grêmio está fazendo, como o Palmeiras está fazendo. Você ter seu próprio estádio, eu acho que é um pontapé inicial para você realmente conseguir atingir, não somente dentro do campo, você estrutura um pouco fora para que isso tenha um reflexo dentro.

B.F. - Quais os jogadores que você se espelhava quando você começou a jogar futebol e que definiram a sua forma de jogar, mais ou menos?

L.J. - Eu tive talvez exemplos, eu gostava muito de um jogador que começou a jogar na Portuguesa de São Paulo, que a gente via um pouco aqueles jogos, que era o Samarone⁶⁸, que depois veio jogar no Fluminense, depois veio jogar no Flamengo. Porque eu gostava? Porque ele pensava pouco nele, ele pensava mais no lado coletivo, na equipe, ele um cara altruísta por natureza. Se ele pudesse dar a bola para o outro fazer o gol, ele dava, não tinha aquele negócio de ser fominha, e eu via isso, para mim isso era um a coisa muito legal, eu via que ele interagia com todos aqueles ali, com e sem a bola. Ele comandava um pouco, sem ser capitão, sem ser nada. Isso me chamava muito atenção. O outro que eu falei foi o Marinho, quando eu fui jogar de lateral-esquerda, o Marinho foi um pouco meu exemplo, eu digo, se eu conseguir jogar 50% do que esse cara joga, eu acho que vou me dar bem.

B.F. - Como que era o seu relacionamento com o Zico? Como era jogar com o Zico?

L.J. - Meu relacionamento com o Galo foi e é o melhor possível. Ele extrapolou qualquer lado de vestiário. Nós, durante muitos anos, dormimos no mesmo quarto, no Flamengo, na seleção, quer dizer, as mulheres são amigas, os filhos são amigos, quer dizer, a gente mantém uma relação de amizade grande mesmo, de frequentar, principalmente quando a gente era mais novo, tinha uma relação mais de família mesmo, com dona Matilde, a mãe dele, durante muito tempo, os irmãos, como são os meus irmãos com ele, quer dizer, digo até que ele faz um pouco parte da minha família porque a gente viveu um

⁶⁸ Wilson Gomes, o Samarone. Meia-atacante que se destacou na Portuguesa Santista, passou por Fluminense, Flamengo e Corinthians.

pouco tudo junto, tudo quanto foi conquista, estávamos juntos na hora também das dificuldades, das tristezas, dividimos muito isso, e isso na verdade são esses momentos que fortalecem, que você ajuda um... quer dizer. Quando eu tenho uma dúvida eu digo: “pô, garoto, o que você acha?” Eu digo que eu tenho plena confiança que ele vai dar uma palavra ou um conselho, alguma coisa de orientação, da mesma forma como ele: ““pô, tô precisando de alguém aqui na seleção japonesa para me ajudar”, falei: “tô aqui, vou para aí observar.” “Não...” “Esquece”, e fui trabalhar como observador com ele. Eu acho que isso é que faz com que a amizade permaneça firme e forte, até hoje e sempre.

E.G. - Técnico você nunca foi?

L.J. - Fui três vezes, mas muito mais por convite dos amigos do que... Foi em 1994 com o Flamengo e 1997, e o Corinthians em 2003 que me mostraram o projeto, que na verdade não era um projeto, eu falei: “opa, isso aqui não é aquilo que eu quero.” Aí saí em função exatamente de ser uma coisa. “Ah, maluco, não sei que”. Tá bom. Não caiu quase para a segunda divisão, em 2004, porque o Grafite⁶⁹ do São Paulo fez um gol, aí ele permaneceu na primeira divisão do Paulista. Aí eu passei a ser visionário. Não é, é porque no futebol não tem muito que você adivinhar. Ou você tem ou você não tem aquilo para você trabalhar. Quando você não tem, você não vai a lugar nenhum. Mas experiência é que sempre você tira alguma coisa de legal, mas não tenho nenhuma pretensão de voltar. Quero distância um pouquinho desses holofotes, desse estresse, dessas coisas. Ainda mais hoje, essa relação entre jogador, treinador, empresário, dirigente, nossa senhora, é complicado. Talvez, talvez, pudesse voltar como dirigente pela experiência que eu tive no Flamengo há oito anos, em 2004, quando o Marcio Baga tentou profissionalizar o departamento de futebol, e me parece que naquele período ele não foi bem entendido, porque todos os candidatos na presidência do Flamengo hoje falam em profissionalização do futebol, coisa que já deveria ter acontecido há oito anos. E quem deu um passo na frente disso, naturalmente está bem colocado no ranking, que é o caso do Corinthians, que é o caso do Internacional, equipes que optaram pela profissionalização do departamento, com os dirigentes voluntários atrás fazendo as cobranças, que eu acho que essa é saída para você conseguir modernizar o futebol brasileiro.

69 Edinaldo Batista Libânio, mais conhecido como Grafite. Ex-atacante do São Paulo.



Centro de
Referência
do Futebol
Brasileiro



S.G. - Está bom, excelente.

E.G. - Beleza.

S.G. - Muito obrigada.

(FINAL DO ARQUIVO II - FIM DO DEPOIMENTO)